
modos de ler
e escrever
em meio à vida
ISSN 2318-8669
anais:
III Seminário
Integrador Escrileituras
PELOTAS/RS · 2018
UFRGS
unioeste
UFMT

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

III Seminário Integrador Escrileituras
V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade

Modos de ler e escrever em meio à vida

Pelotas/RS - 04 e 05 de novembro de 2013

Por este meio, o Comitê científico do III Seminário Integrador Escrileituras, V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade comunica que o trabalho do(s) autor(es) COSTA, Cristiano Bedin da; MUNHOZ, Angelica Vier; SCHWERTNER, Suzana Feldens intitulado "O currículo em espaços escolarizados e não escolarizados: aproximações genealógicas" foi APROVADO.

Lembramos que o trabalho será exposto por meio de slides, em painel eletrônico, nos dias indicados para as apresentações conforme programação do evento. O arquivo deverá ser enviado pelo site http://modosdelerescrever.ufpel.edu.br na aba inscrições, salvo em apresentações do PowerPoint 97-2003, até o dia 27/10/2013.

Em caso de dúvidas, entre em contato pelo e-mail: modoslerescrever@gmail.com .

Agradecemos sua participação e aguardamos o encontro em novembro.

Atenciosamente,

Comitê científico.

O CURRÍCULO EM ESPAÇOS ESCOLARIZADOS E NÃO ESCOLARIZADOS: APROXIMAÇÕES GENEALÓGICAS

COSTA, Cristiano Bedin da
Centro Universitário Univates
seuchico@yahoo.com.br

MUNHOZ, Angelica Vier
Centro Universitário Univates
angelicavmunhoz@gmail.com

SCHWERTNER, Suzana Feldens
Centro Universitário Univates
suzisf@univates.br

Palavras-chaves: currículo; espaços; movimentos

Introdução

A presente investigação articula-se ao pensamento pós-nietzschiano da diferença, tal como é proposto por autores como Gilles Deleuze, Michel Foucault e Roland Barthes. Por essa via, agencia seus movimentos em meio a questões sabidamente centrais a qualquer teorização curricular pós-estruturalista (CORAZZA; TADEU, 2003, p.37), quais sejam: a discussão sobre o conhecimento e a verdade, o sujeito e a subjetividade, os valores e o poder. Assim, a questão sobre o que é ou deve ser ensinado não se separa da problematização sobre o que, em determinado tempo e espaço, constitui-se como conhecimento válido, verdadeiro, ou, em outras palavras, o que "quer" (CORAZZA, 2001) determinada organização curricular. Ora, todo currículo carrega alguma noção de subjetivação e de sujeito, capaz de ser compreendida através da análise daquilo que ele pensa ser e no que busca tornar aqueles que são por ele envolvidos. Tal reflexão sobre as motivações, escolhas e juízos curriculares não se faz a não ser em meio à análise das relações de poder aí implicadas, ou seja, a genealogia dos valores morais que movimentam este ou aquele currículo: por que estes (e não outros) conhecimentos são considerados certos e verdadeiros? Por que determinado tipo de formação e não outra? Por que esse sujeito e não outro? Longe de qualquer crença em fundamentos primeiros e verdades transcendentes, esta pesquisa está implicada com a pergunta sobre as forças por trás de todo processo valorativo:

> Em vez, pois, de perguntar 'o que é?', perguntar 'o que faz que seja o que é? Buscar, antes, o impulso, o desejo, o motivo que faz com que as coisas tenham o sentido que têm do que sua essência, sua origem ou o seu fundamento último. No lugar de uma ontologia, uma ciência das forças. (CORAZZA; TADEU, 2003, p.49)

Entendendo que as verdades de um currículo não preexistem a ele, e que sua existência só faz sentido em uma determinada relação de poder (que ele encena, movimenta, encarna), o presente estudo se articula ao pensamento do currículo enquanto imposição de sentidos, de valores, de modos de subjetivação particulares, e propõe, então, uma indicação: tomado enquanto forma de governamento, de regulação de sujeitos e coisas, como programa com função educativa, o currículo conecta-se a um movimento escolarizado ou escolarizante, delimitando fronteiras.

Tomando o escolarizado e o não escolarizado como noções a serem estudadas, entende-se que o currículo deve ser pensado em razão das posturas e das relações que engendra, ou seja, pelo modo como, em seus movimentos, o espaço é ocupado. A simples distinção entre escolar e não escolar não parece ser suficiente para garantir tal problematização, uma vez que carrega consigo a pressuposição de que o escolar, com as normas que o governam, não traz consigo as forças necessárias a possíveis transmutações – e, por via inversa, a crença de que quaisquer esforços práticos de questionamento aos modelos escolares instituídos garantiriam a obtenção de um espaço livre de regulações.

Em meio a experimentações nômades e formações sedentárias, interessa pensar as passagens e as combinações, as alternâncias e sobreposições entre as operações de alisamento e estriagem, ou seja, de que modo a organização dos saberes, das práticas, da vida, pode entrar em um movimento contínuo de desprendimento de valores, medidas e propriedades, ao mesmo tempo em que as linhas de fuga, os movimentos criadores, não cessam de ser rebatidos e remanejados por uma maquinaria normativa.

Enquanto movimento escolarizado, o currículo está fixado a um espaço estriado, que captura e hierarquiza saberes e relações. Contudo, quando tomado por linhas, atalhos, fluxos, abre-se a um leque de possibilidades modificadoras de limites, intercessoras de contornos distantes da lógica escolarizante. Tal lógica pode estar presente nos espaços escolares e não escolares, pois o que a define não é a configuração do espaço físico, mas a qualidade dos movimentos agenciados. Fora dessa lógica, os espaços podem se tornar mutantes, nômades, ao priorizarem os processos, os atravessamentos, os cruzamentos.

> ... o que distingue as viagens não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento – nem algo que estaria unicamente no espírito – mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço. Viajar de modo liso ou estriado, assim como pensar... Mas sempre as passagens de um a outro, as transformações de um no outro, as reviravoltas (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 190).

Os movimentos, as passagens e as trocas de saberes em currículos não escolarizados, escolares ou não, podem configurar-se através de aprendizagens desvinculadas de resultados, de significações reduzidas por ações pedagógicas. Em tal perspectiva, a proposta de um currículo não escolarizado é também um esforço de oposição e de luta contra a coerção de discursos teóricos, unitários, formais e discursivos, através do reconhecimento de saberes locais, menores, ativados contra a hierarquização científica do conhecimento e de seus efeitos intrínsecos de poder (FOUCAULT, 2004, p.172).

Misturar esses espaços – escolares e não escolares – e os movimentos escolarizados e não escolarizados, tem por finalidade entender de que modo o currículo pode se compor e

se cruzar com novas práticas, tecidas por outras relações de saber e por novas experimentações. Sendo assim, pretende-se investigar as especificidades curriculares em espaços escolares e não escolares e suas relações e cruzamentos com os movimentos escolarizados e não escolarizados.

Metodologia

O presente estudo busca uma aproximação com a Genealogia, tomando-se como referência os estudos de Michel Foucault (2001; 2005; 1994). O estudo genealógico parte do presente em direção ao passado tomando a história não como um processo evolutivo, mas cujas rupturas, impasses, reconfigurações e recorrências nos permitem compreender as práticas pelas quais nos tornamos sujeitos de determinada cultura, de determinados espaços e discursos. A genealogia atenta para o momento de emergência, para as condições de possibilidade que fazem com que determinados discursos ganhem intensidade. Trata-se, como diria Foucault (2005), de não temer um saber perspectivo: aquele que "... olha sob um certo ângulo, com o propósito deliberado de apreciar (...) é um olhar que sabre de onde olha, assim como o que olha. O sentido histórico dá ao saber a possibilidade de fazer, no próprio movimento de seu conhecimento, sua genealogia" (p.274-275). A análise leva sempre a novas buscas, a mudanças de rota e não se limita ao imediatamente localizado, mas também questiona por que – em relação ao nosso objeto de pesquisa, por exemplo – determinadas práticas curriculares não se legitimam e não se fortalecem tais quais aquelas instituídas na Modernidade.

O campo empírico desta investigação é constituído por dois espaços escolares e dois não escolares. Um dos espaços escolares é a Escuela Pedagógica Experimental (EPE), em Bogotá/Colômbia, o outro, a Escola Municipal Porto Novo, situada na cidade de Lajeado/RS. Os dois espaços não escolares constituem-se na ONG Abaquar Brasil, situada em um bairro periférico da cidade de Lajeado/RS, e a Fundação Iberê Camargo, localizada em Porto Alegre/RS.

Resultados e discussão

A pesquisa encontra-se ainda em fase inicial; no entanto, acredita-se que os resultados advindos da análise dos depoimentos de professores e alunos, bem como as observações, registros em diários de campo e análise de documentos, poderão servir de orientação para problematizar o modelo curricular disciplinar e escolarizante que nasce na Modernidade e continua engendrando e ocupando os espaços educativos (escolares e não escolares), na contemporaneidade. Dessa forma, o escrutínio dos materiais de pesquisa, ao visibilizar determinadas práticas curriculares, também poderá subsidiar a construção e a vivência de outras experiências educacionais em espaços escolares e não escolares.

Considerações finais

Entrevistas, observações, registros, análise de documentos, estudos e produções textuais, abrirão a possibilidade de desenvolver diversos olhares sobre o currículo, tomado enquanto território coletivo e político que interage com forças diferenciadas, com dispositivos disciplinares, com possibilidades de experimentações. Assim, o traçado de linhas, de rizomas, dos movimentos curriculares dos espaços escolares e não escolares,

permite que se estabeleçam alguns entendimentos e compreensões de suas relações, suas resistências, imobilidades e seus campos de experimentações.

Referências

CORAZZA, Sandra M. *O que quer um currículo*? Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001

CORAZZA, S. M.; TADEU, T. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. vol.5. São Paulo: Editora 34, 1997

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004

FOUCAULT, M. Qu'est- ce que les Lumières? In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits IV* (562-578). 2ª ed. Paris: Gallimard, 1994

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 16ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia, a história. In Motta, M. (org). *Ditos & Escritos II – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento* (260-281). Trad. Elisa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005